
**A SEXUALIDADE DA CRIANÇA
NO COTIDIANO DA INSTITUIÇÃO
INFANTIL***

Jennifer Martins Silveira**

Resumo: neste artigo a autora aborda a questão da sexualidade infantil, as manifestações da sexualidade da criança e as posturas adequadas dos educadores para favorecer o desenvolvimento sexual de forma saudável garantindo o direito da criança como sujeito de sexualidade.

Palavras-chave: *Criança. Sexualidade. Educação Infantil.*

De acordo com Alencar (1997), o termo sexualidade foi utilizado pela primeira vez no campo da biologia em 1838, no *Dicionário Petit Robert*. No ano de 1905, o termo foi utilizado por Freud na obra *Três conferências sobre sexualidade*. Contudo, o conceito da palavra sexualidade foi se alargando com o decorrer do tempo e, conseqüentemente, promovendo uma reflexão sobre o sentido e a intencionalidade.

Sexualidade leva a pensar em pulsões, emoções, uma energia que pode ou não mostrar. Uma força que fica pressuposta na intenção do comportamento ou no desejo de fazer. É algo que se esconde nas dobras do dia-a-dia e aparece na interpretação de quem observa ou de quem sente quando se busca a razão lógica de um comportamento (CHALAR SILVA *apud* CORREIA, 1993, p. 42).

Pode-se afirmar que a sexualidade está presente no seio da família. Esta presença se manifesta por meio dos seus valores, pudores, conceitos e nas vivências interpessoais, além de se manifestar de formas distintas ao longo da vida. A Sexualidade está também no olhar, no toque, na comunicação verbal, na afetividade, nas relações entre as pessoas, no modo de se vestir, na feminilidade, na sedução, no carinho e no amor. Para Freud, sexualidade envolvia sentimentos como amor, amizade, respeito, afeto, considerações e outros:

Em psicanálise, o conceito do que é sexual abrange bem mais; ele vai mais abaixo e também mais acima do que seu sentido popular. Esta extensão se justifica geneticamente; nós reconhecemos como pertencentes à “vida sexual” todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram de trocar esse fim por outro que não é mais sexual. Usamos a palavra “sexualidade” no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra lieben (amar) (FREUD, 2006, v. XI, p. 234).

Compreendido nesta perspectiva, sexualidade é a vivência de uma pessoa, em toda expressão de seu ser. Podemos viver sem relação sexual, mas ninguém consegue viver sem afeto, que é uma manifestação da sexualidade. Nesse sentido, Carvalho (2005) afirma que a afetividade é uma forma de conceder atenção ao outro. Diante disso, pode-se considerar essa relação de afeto também para com a natureza e para com as artes ou para com uma causa. Uma pessoa pode ser sexualmente feliz sem, necessariamente, praticar o ato sexual. Ou ainda: quando uma parte, uma quantidade de energia libidinal (sexual) é voltada para os estudos, artes, esportes, dentre outros. A psicanálise freudiana denomina esta situação de sublimação, quando uma pulsão se deriva para um alvo não sexual. A energia que empurra a pulsão continua a ser sexual, mas o objeto não. Podemos tomar como exemplo pessoas “apaixonadas” por animais, plantas, religião, partido político e outros. A energia libidinal vai estar de fato, voltada para a genitalidade, na adolescência.

Sexualidade relaciona-se ao prazer, ao amor, ao afeto, a relação entre parceiros amorosos e não se restringe apenas ao sexo, ao ato sexual. Conforme afirma Lopes (2001, p. 60), “deixa de ser aqueles poucos centímetros de nosso corpo para se projetar num corpo total, real e fantasioso”. Nesse sentido, Chauí (1984, p. 17), afirma que:

a sexualidade não se reduz aos órgãos genitais, porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital.

Diante desse quadro, abordar a temática relativa à sexualidade torna-se algo complexo, já que ela se amplia na medida em que se con-

sidera a influência e a diversidade de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas. Embora tenha como suporte um corpo biológico, ela transcende esse aspecto que se volta para a reprodução e aos atos instintivos, devendo ser vista também como uma construção social. Com sua teoria da sexualidade, Freud (2006) defende que a libido – uma energia afetiva voltada para a obtenção do prazer – sofre progressivas organizações durante o desenvolvimento do indivíduo. A libido apóia-se numa zona erógena do corpo e, durante o desenvolvimento do indivíduo, se concentra em diferentes partes do corpo.

Nas correspondências que Freud trocava com Dr. Furst, médico de Hamburgo, este lhe fez alguns questionamentos: se as crianças deveriam ser esclarecidas sobre as questões sexuais, em que idade e de que modo. Freud respondeu que não havia nenhum propósito em negar às crianças e aos jovens o esclarecimento sobre questões sexuais. Criar um mistério sobre tais questões, para Freud, estava ligado à falta de consciência dos adultos sobre a sexualidade, ignorância e a um pudor usual. Esse erro grotesco acarretava sérias conseqüências, pois o recém-nascido vem ao mundo com sua sexualidade e seu desenvolvimento acontecerá acompanhado de sensações sexuais. Apenas poucas crianças chegam à puberdade sem experiências e vivências sexuais (FREUD, 2006, v. IX). Muito antes da puberdade a criança já é capaz de manifestações psíquicas como amor, ciúme, ternura, dedicação e com exceção da reprodução, sua capacidade de amar já está completamente desenvolvida, “[...] e pode-se afirmar que o clima de mistério apenas a impede de apreender intelectualmente as atividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta” (FREUD, 2006, v. IX, p. 125).

O que realmente importa é que as crianças nunca sejam levadas a pensar que desejamos fazer mais mistério dos fatos da vida sexual do que de qualquer outro assunto ainda não acessível à sua compreensão; para nos assegurarmos disso, é necessário que, de início, tudo que se referir à sexualidade seja tratado como os demais fatos dignos de conhecimento. A curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem (FREUD, 2006, v. IX, p. 128-129).

Segundo (NUNES, 1987), o significado da sexualidade está relacionado com a história da humanidade, foi construído no decorrer da história, portanto, a sexualidade é social e histórica. Ela é resultado do trabalho humano. Uma das categorias do materialismo dialético é o trabalho,

que pode ser material e espiritual, no qual o homem produz a si mesmo, faz a história e transforma a sociedade. Neste sentido, a sexualidade não pode ser reduzida a questões de ordem meramente biológicas.

A sexualidade humana, mais do que ato sexual e a reprodução, abrange as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. Implica aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisão. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade (CAMARGO; RIBEIRO, 2003, p. 50).

De acordo com Nunes (1987), a educação sexual não é uma questão técnica, mas sim uma questão social, estrutural e histórica. O sujeito constituído socialmente está submetido a um processo de educação sexual desde que nasce. Este processo de enquadramento dura a vida inteira, com a reprodução de estruturas e papéis tradicionais por meio da ideologia, família, linguagem, cultura, escola, trabalho e religião. Para este autor, a sexualidade é histórica, processual, mutável, aberta a novas experiências e significações.

O desenvolvimento da criança é fortemente marcado pelas práticas culturais de cada sociedade. Os valores, as regras e os padrões de condutas adotados pelo grupo familiar em que ela se insere, constituem-se em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos. Essas práticas, que se fazem presentes desde o início do processo de socialização da criança, influenciam no desenvolvimento da sexualidade infantil.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a maneira como os adultos reagem, diante dos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo, pode ser considerado como um dos exemplos dessa interferência. A tendência é que, quanto mais tranqüila for a experiência do adulto no plano de sua própria sexualidade, mais natural será sua reação a exploração espontânea da criança.

Vale lembrar que, do ponto de vista da criança, porém, não é necessário que ela tenha presenciado cenas de sexo, ou a sua representação nos meios de comunicação para que se envolva em explorações ou jogos sexuais. A motivação para essas brincadeiras pode vir exclusivamente de curiosidades e desejos, integrantes de um processo normal de desenvolvimento.

A estrutura familiar da qual a criança faz parte, fornece-lhe importantes referências para o seu desenvolvimento. Além do modelo

familiar as crianças podem contar, por exemplo, que nas novelas ou desenhos veiculados para televisão, homem e mulher são representados conforme visões presentes na sociedade. Essas visões podem influenciar a sua percepção quanto aos papéis desempenhados pelos sujeitos dos diferentes gêneros.

No que se refere a sua sexualidade, as manifestações mais comuns das crianças, que fazem parte de um processo natural do seu desenvolvimento, conforme estudo realizado por Nunes e Silva (2000) podem ser consideradas as seguintes:

- *Manipulação dos órgãos genitais*: A descoberta do próprio corpo e sua exploração gera uma das mais intensas descobertas infantis, já que proporciona uma experiência de prazer à criança. Sendo uma exploração prazerosa de sensações corporais, constitui-se em um fenômeno universal, inconsciente e inofensivo, que deve ser tomado como uma descoberta do próprio corpo e que obedece a impulsos biológicos e psíquicos. Nas meninas, pode se manifestar no toque genital ou no uso de objetos, brinquedos e posições que provoquem estímulos prazerosos. Deve-se ressaltar que essa manipulação não é masturbação, no sentido adulto do termo.
- *Atitude de reter a urina*: É freqüente e manifesta-se em meninos e meninas. Corresponde à prática de segurar a urina advinda do prazer físico da contração muscular e da sensação prazerosa de soltá-la e retê-la. A criança experimenta uma simples relação de controle do corpo.
- *Prática do beijo*: O beijo é uma troca saudável de sentimentos humanos. Estando a criança exposta a uma cultura própria da mídia, de modo explícito ou mais acanhado, naturalmente é atraída pelo cultivo social do beijo. Há inúmeros convites e práticas de beijos, sempre com imitação da TV por meio de suas novelas, filmes e programas. Algumas crianças gostam de beijar paredes, espelhos, numa síntese de narcisismo e imitação.
- *Namoro infantil*: É uma situação comum nas instituições de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, as crianças verbalizam ou indicam estarem “namorando” com este ou aquele colega. Resultado, muitas vezes, de estímulos dos adultos, dos colegas, da mídia e do comportamento social.
- *Observacionismo*: Práticas como: ver, apalpar, conhecer, espiar as meninas no banheiro ou vice-versa, ver a cor da calcinha, levantar as saias e procurar ver os genitais um do outro são freqüentes entre as crianças.

- *Exibicionismo*: Outra prática muito comum é mostrar os órgãos sexuais uns para os outros. Essas práticas exibicionistas revelam ansiedade e satisfação da criança em provocar espanto e polêmica no grupo.
- *Fetichismo*: Prática de cristalizar a curiosidade sobre órgãos sexuais, vestir roupas de adulto, como o pai ou a mãe, maquiarse, colocar peças íntimas como sutiã, por enchementos, dentre outras.
- *Brincadeiras e jogos sexuais*: Práticas muito comuns em crianças como: papai-mamãe, médico, se tocarem, se acariciarem, comparar o tamanho do pênis e outras, num jogo simbólico.
- *Curiosidade sobre o nascimento*: Há uma curiosidade muito grande sobre o ciclo de vida ou a mecânica do nascimento. Como nossa cultura não desenvolveu muitas formas de abordar o fenômeno da vida e, para conversar sobre a vida e a morte, geralmente, recorreremos à religião e ao senso comum. Muitas explicações não são sinceras e verdadeiras, causando angústia nas crianças.

Educamos de forma: não verbal, intuitiva, assistemática, e precisamos educar de uma forma intencional e sistemática. Educação sexual, no que se refere a valores e ao comportamento sexual é responsabilidade da família. De acordo com Seffner (2001), uma instituição educacional deve se preocupar com a formação afetivo-sexual do indivíduo, valorizando o componente afetivo como importante para a base orgânica da sexualidade. Deve-se ressaltar que a educação sexual proporcionada pela instituição não vai substituir aquela oferecida em casa, a família sempre será uma referência importantíssima na construção da postura ética e moral frente à vida afetiva e sexual do indivíduo.

É direito da criança, sujeito de sexualidade, ter acesso a informações e situações que lhe permitam desenvolver sua sexualidade de forma saudável, prazerosa e responsável. A criança tem o direito de construir uma visão positiva de sua sexualidade, aprender a ser responsável pelos cuidados com o próprio corpo, com seu desejo e o de outras pessoas.

Os pais, como parceiros na tarefa de educar a criança, precisam ser informados que a sexualidade será trabalhada nas instituições educativas formais, já que ela faz parte do desenvolvimento integral da criança. Além disso, dentre outras coisas, que o trabalho será conduzido no sentido de responder as suas indagações, dúvidas, por meio de atividades que promovam este desenvolvimento de forma saudável e prazerosa como, por exemplo, trabalhar o corpo. Este é a matriz da sexualidade e sua noção é essencial para a noção de sexualidade.

As curiosidades devem ser esclarecidas sem ir além daquilo que é perguntado. As respostas devem ser: objetivas, sinceras, claras, sem rodeios e sem que se tenha uma conotação de censura. Antes de ter uma moral comum dos adultos, a criança só quer satisfazer sua curiosidade e, uma curiosidade não satisfeita, ou grandes explicações pode gerar: ansiedade, insegurança, medo, exibicionismo e repressão.

Em alguns casos, a criança entende a resposta, mas quer ouvir novamente. Diante disso, o professor deve repetir quantas vezes ela estiver interessada, responder o que ela quer saber, uma resposta objetiva e simples. A criança precisa perceber que suas dúvidas são importantes e merecem respostas, que a sexualidade pode ser falada e vivida de uma forma natural.

O professor deve ter uma postura receptiva para uma formação sexual saudável da criança. Felipe (2004) explica que, na tentativa de preservar a “inocência infantil”, pais e educadores recorrem a explicações mágicas para responder algumas questões, o que pode confundir a criança, entretanto, deve-se lembrar que ela elabora suas próprias teorias sobre a sexualidade, mesmo sem a autorização dos adultos.

É importante ter em mente que tocar os genitais (masturbar-se) e obter prazer neste toque faz parte do processo de se tornar um ser sexual. Todavia, ao abordar essa questão deve-se levar em consideração o respeito à crença religiosa e os valores das famílias. Para muitas famílias, a masturbação é considerada: feia, suja e pecaminosa. Mostre a diferença entre o público e o privado e não entre o certo e o errado. Desse modo, orientar e refletir acerca de que algumas coisas, não devem ser feitas na frente das pessoas como cocô, xixi e brincar com os órgãos sexuais.

Quando o ato de se manipular for constante e repetitivo pode ser sintoma de que a criança não consegue encontrar prazer na brincadeira e nas relações com outras crianças, ou então que suas necessidades afetivas não estão sendo satisfeitas. O professor deve diferenciar masturbação quando é uma atitude de exploração, ou quando denota um alerta que algo não vai bem com a criança, e ajudá-la nesta situação. A prática da manipulação freqüente pode revelar que a criança está entediada, ansiosa, triste e com falta de atenção e por isso recorre ao corpo para compensar o mal estar, já que este é uma fonte segura de prazer. Pode revelar também situações em que a criança está sendo recriminada, vivenciando sentimentos contraditórios de prazer, satisfação e/ou complexo de culpa. Nessas situações, recomenda-se que seja desviada a atenção dela para

os prazeres da instituição, como: pintar, tocar, brincar, correr, dançar, jogar, valorizar a auto-imagem (auto-estima), como também elogiar e dar-lhe atenção. Censurar qualquer tipo de comportamento, comentário, pergunta ou mesmo dizer que somente quando crescer poderá saber de determinado assunto, não deve fazer parte da atitude do educador.

Reprimir significa passar à criança a idéia de que o sexo é uma coisa suja e imoral, que deve ser punida ou praticada às escondidas, ou seja, não como algo privado, mas errado. Isso pode gerar na mulher adulta uma baixa libido ou um homem com insegurança, tendo como consequência a impotência. Diante dessas situações, é importante deixar que as crianças falem livremente sobre suas curiosidades. O professor pode listar os interesses da criança e montar projetos, por exemplo: como nascem os bebês.

Felipe (2004), alerta para o fato de que temos que ter cuidado com a literatura, pois algumas são preconceituosas, trazem informações e conceitos distantes da realidade da criança e tem uma visão estereotipada de família: tradicional, branca, ocidental, classe média, heterossexual, corpos esguios, família composta de pai, mãe e filho como estrutura única e socialmente aceita.

Embora vistos como perigosos ou errados, os jogos sexuais fazem parte do desenvolvimento infantil, ajudam às crianças a responder suas curiosidades quanto ao corpo, vivenciam papéis sociais contribuindo para o desenvolvimento da sua identidade, reconhecendo-se como homem e mulher. As brincadeiras não têm caráter erótico ou sexual e não devem ser interrompidas bruscamente, envergonhando e constringendo as crianças, porém deve-se atentar para os seguintes cuidados: com a idade, para que não haja coerção, e não permitir que se coloquem objetos na vagina, colocando em risco a integridade física da menina. Os educadores devem estar atentos, discutir papéis sexuais, destacar as características igualitárias entre meninos e meninas, gerando atitudes e comportamentos mais igualitários entre ambos, ou seja, tratando-os da mesma maneira, independente do sexo, raça e religião.

Outro procedimento importante é mostrar a forma, função e significado dos órgãos sexuais de maneira serena, segura, clara e fundamentada, a fim de que a criança conheça e possa empregar corretamente os nomes das partes do corpo, como também respeitar sua cultura familiar de se referir às partes íntimas.

As expectativas que os adultos apresentam, em relação aos comportamentos e atitudes de meninos e meninas, são construídas histórico

e culturalmente. O menino não nasce sabendo que deve gostar de bola, é com o tempo que vai percebendo os comportamentos esperados dele. Na educação infantil, a criança não está muito preocupada com isso, está interessada em experimentar o mundo e quer ter livre acesso a tudo que lhe atrai. Aos olhos de um menino de 3 anos, a boneca é apenas uma representação da figura humana. Craidy (2001), alerta que cabe aos educadores romper com as regras rígidas ao que seja apropriado para meninas e meninos, o mundo está em constante mudança e todos têm direito ao respeito em suas diferenças.

Em algumas famílias liberais, as crianças presenciam pessoas andando nuas pela casa, crianças e adultos tomando banho juntos o que é, sem dúvida, uma visão menos preconceituosa de sexo. Entretanto, algumas posturas precisam ser trabalhadas com as crianças provenientes desses lares, tais como limites, noções de privacidade e de respeito pelo outro.

Para muitos estudiosos da infância, a exposição precoce e exagerada ao erotismo perturba a criança, já que ela ainda não tem maturidade emocional para absorver a sensualidade que é estimulada artificialmente e que ao contrário, deveria ocorrer de maneira espontânea. Os prejuízos para o futuro podem se expressar numa valorização ou até inibição sexual desmedida. As crianças não têm a mesma capacidade de discernimento dos adultos e, por isso, é comum entenderem alguns comportamentos de modo inadequado. Quando são estimuladas eroticamente, corre-se o risco de ensinar a encarar a sexualidade apenas como uma excitação física, desvinculada de afeto.

Ajudar a criança no seu desenvolvimento sexual, sem cometer erros, encarando tudo com muita tranqüilidade, ainda é um desafio que poucos pais e educadores conseguem enfrentar. Esta dificuldade assenta-se, em grande parte, em nossa cultura educacional, uma vez que não somos educados para viver a sexualidade, não somos educados para viver o prazer.

A sexualidade, freqüentemente, é tratada como um assunto proibido, constrangedor e vergonhoso. Muitos receberam uma educação sexual confusa, com poucas informações, outros desenvolveram pouca intimidade com essas questões e até com o próprio corpo. Quando as crianças fazem perguntas sobre sexo, ficam embaraçados principalmente porque encaram a sexualidade a partir da educação que receberam e de suas experiências pessoais por vezes difíceis e traumatizantes. Com o movimento desencadeado na década de 1960, que pregava a liberdade

sexual e amor livre, seria esperado que, na geração atual, tivéssemos pais mais saudáveis sexualmente, entretanto, muitos adultos de hoje não sabem lidar com a própria sexualidade.

As famílias têm suas crenças em relação à sexualidade, temos que compreender e respeitar esta diversidade. Toda família realiza uma educação sexual para com seus filhos, por meio de suas recomendações, expressões, gestos, proibições e mandatos. Não compete ao professor julgar como certo ou errado, mas abrir espaço para o diálogo e para a pluralidade de concepções, contudo, neste diálogo, a sexualidade precisa deixar de ser um tabu.

Muitos são os mitos que envolvem a sexualidade e colaboram para que o sexo tenha imagem errônea, como algo feio, sujo, impuro, perigoso e proibido. Mas sexo e sexualidade são partes integrantes do nosso desenvolvimento físico e emocional. Entende-se que fontes de realização, encontro, prazer, procriação e amor, não podem ser aliados a aspectos negativos e destrutivos.

A educação sexual infantil deve considerar as crianças como seres sexuados, que manifestam sua sexualidade e criam suas próprias teorias sobre o sexo, que a manipulação ajuda na compreensão do corpo e do prazer e a repreensão prejudica, pois desperta sentimento de culpa. Deve também reconhecer que meninos e meninas podem brincar e transitar livremente entre os brinquedos e brincadeiras de ambos os sexos sem que isso possa definir sua identidade sexual, e que as brincadeiras são um caminho para descobrir o prazer.

Uma educação que contribua para o pleno desenvolvimento da sexualidade da criança deve estar centrada na formação de valores como a amizade, amor, carinho, atenção, companheirismo, lealdade, dignidade, respeito, fé, nos valores de cada um, de cada família, de cada comunidade. Não pode ser centrada no exercício do poder e do domínio. As crianças necessitam de pais e educadores conscientes e capacitados para responder suas questões e curiosidades, de forma tranqüila e natural, que as ajudem a entenderem o corpo e suas manifestações e a viverem a sexualidade de forma sadia e feliz.

Professores e educadores devem ter um claro e embasado conhecimento científico, social e histórico para que possam orientar as crianças com segurança e sem preconceitos. Em vez de reprimir, devem encorajar a expressão da sexualidade desde a infância, assumindo uma postura receptiva e afetiva. Se o professor estabelece vínculos afetivos com as crianças, o processo de ensino-aprendizagem sexual ocorrerá

de forma natural, num espaço de diálogo, onde a curiosidade sexual infantil é recebida num clima sexual positivo. Para tanto, existe a necessidade de uma formação específica para o educador infantil, que seja referendada por constantes estudos, reflexões, planejamentos e avaliação da prática educativa.

Hoje, podemos compreender melhor a sexualidade infantil e as manifestações comuns dessa sexualidade que necessitam ser vivenciadas sem repreensões, constrangimentos e culpas. Brincadeiras sexuais são brincadeiras que buscam o prazer sensual, o prazer do corpo. Necessitamos de uma educação sexual tanto para fazer crítica aos modelos tradicionais, como para combater o consumismo e a degradação do sexo e do corpo.

Pode-se afirmar que desenvolver um trabalho, que considere a criança atendida na educação infantil como um ser que exerce a sua sexualidade, implica na redescoberta da própria sexualidade dos educadores. Já que alguns, tiveram em um momento de suas vidas a sexualidade sufocada, oprimida ou bloqueada. As crianças falam de seu corpo, de suas idéias e de suas impressões naturalmente, tem um mundo inteiro para descobrir, perceber, cheirar, apalpar, ouvir, ver e falar, usando seu próprio corpo, num processo gradativo e dinâmico.

O desafio dos educadores, bem como da sociedade, ainda consiste na responsabilidade de fazer com que a educação sexual seja inserida definitivamente nas instituições educacionais com os princípios éticos, políticos e estéticos. Constantine e Martinson (1984) defendem uma educação sexual da criança que inclui a libertação dos empecilhos provocados por pais e sociedade sexualmente ansiosos e ambivalentes. Os direitos sexuais fundamentais da criança, de acordo com suas necessidades e capacidade de compreensão, como conhecer sua sexualidade, ser sexual, ter acesso a materiais educativos e literários e ter sua privacidade protegida devem ser respeitados.

CHILD'S SEXUALITY IN A NURSERY SCHOOL'S QUOTIDIAN

Abstract: the author discusses children's sexuality and behavior as well as educators' suitable attitudes that favor healthy sexual development and also guarantee the rights of children's sexuality.

Keywords: Child. Sexuality. Early Childhood education.

Referências

- ALENCAR, Regina Lucia Brandão. Educando o corpo: esse desconhecido. Revista Amae e Educando. Belo Horizonte: n. 271, out. 1997.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. Sexualidade (s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 2003.
- CARVALHO, Marco Antonio Martins. O afeto nosso de cada dia. Revista Amae e Educando. Belo Horizonte: n. 308, jun. 2005.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CONSTANTINE, Larry L.; MARTINSON, Floyd M. Sexualidade infantil: novos conceitos novas perspectivas. São Paulo: Roca, 1984.
- CORREIA, Gilka Borges. X CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Anais..., Curitiba, 1993.
- CRAIDY, Carmem Maria e KOERCHER, Glódes E. P. da Silva (orgs.). Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- FELIPE, Jane. A questão dos limites na educação infantil. Revista Pátio Educação Infantil. Ano II, n. 4, abr./jul., p. 29-31, 2004.
- FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standart Brasileira. v. III, IV, V, VII, IX, X, XI, XII, XIII, XV, XVI, XVIII, XIX, XX e XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- LOPES, Gerson e MAIA, Mônica. Conversando com a criança sobre sexo - Quem vai responder? Belo Horizonte: Autêntica/ Fumec, 2001.
- NUNES, César. A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000 (Coleção polêmicas de nosso tempo).
- _____. Desvendando a sexualidade. Campinas: Papyrus, 1987.
- SEFFNER, FERNANDO. Sexo e amor giz e apagador: a educação afetiva e sexual na escola. In: Revista Amae e Educando. Belo Horizonte: abr. 2001, n. 298.

* Texto recebido em: 18.06.2013

Aprovado em: 25.11.2013.

** Mestre em Educação pela PUC Goiás, Pedagoga e professora do Departamento de Educação da PUC Goiás. *E-mail*: jennifmsilveira@yahoo.com.br.